

*Mozart Soriano Aderaldo*

Adolescendo, atravessava eu, senhores, “esse estonteante período da existência em que cada livro lido pesa sobre nós como uma força” (...) “verdadeiramente sobrenatural”, em que “as menores frases penetram fundo, revolvem camadas mais sensíveis, despertam, liberam, formam obstáculos julgados irremovíveis”, senão quando, em noite inesquecível, ouvi declamar, pela primeira vez, do *sereno* de antigo salão aberto às assembléias intelectuais, belo e lírico poema, ainda hoje guardado de memória, tão forte e indelével fora o efeito então causado:

*Poeta fui e do áspero destino  
Senti bem cedo a mão pesada e dura.  
Conheci mais tristeza que ventura  
E sempre andei errante e peregrino.*

*Vivi sujeito ao doce desatino  
Que tanto engana mas tão pouco dura;  
E ainda choro o rigor da sorte escura,  
Se nas dores passadas imagino.*

*Porém, como me agora vejo isento  
Dos sonhos que sonhava noite e dia  
E só com saudades me atormento;*

*Entendo que não tive outra alegria  
Nem nunca outro qualquer contentamento,  
Senão de ter cantado o que sofria.*

Estava selada a minha vocação para as letras. Aqueles quatorze versos não compunham, apenas, um simples soneto, por mais perfeito que fosse, mas atuaram como “exército invasor, revolvendo estradas, dinamitando as passagens ainda fechadas, cortando pontes e abatendo os postes ao longo dos caminhos entre as cidades, enquanto os retirantes, em filas desordenadas, procuram refúgio em regiões vizinhas”, pois, se não me foi possível, de então para o futuro, pôr em completa disponibilidade as naturais tendências da idade, não é menos verdadeiro que novos horizontes se rasgaram ante os meus olhos, até aquele instante semicerrados para as coisas do espírito. Abriu-se, destarte, maravilhosa clareira, já de si tão deslumbradora mas ainda prometendo mais luz, se alguma energia eu dispendesse na busca sempre continuada daquela lâmpada maravilhosa do conhecimento. E o esforço não faltou, malgrado as limitações próprias de uma personalidade que, à custa de muita perseverança e muito zelo, procurou superar os inúmeros e agigantados obstáculos antolhados. Assim, passava eu também pela radical transformação operada naqueles que têm a ventura de, por um misterioso decreto da Providência, imprimir novo e superior rumo à própria vida, neutralizando as quixotescas atitudes de quem se julga infalível e insuperável, pois somos, na adolescência, “os *nouveaux riches* da mocidade, como os *nouveaux riches* são os adolescentes da riqueza”. . . . Aquelas tendências menos nobres da maravilhosa idade em que o panorama do mundo se descortina ante os nossos deslumbrados e surpresos olhos, foram, sem dúvida, com muito esforço de minha parte, sublimadas no amor às letras, graças a um soneto, cujo autor — insondáveis mistérios do Destino — haveria de ser, tempos após, meu alcandorado Patrono na Academia Cearense de Letras. É óbvio que nos trabalhos de minha educação muito ajudaram o lar, o colégio e a Igreja, mas é também certo que o adolescente desejoso de tudo encontrou o norte da vida por via dessa grande veneração aos nossos homens de letras, dos quais o primeiro foi o grande vate cearense, José Albano. Se precisei, como qualquer outro dessa idade, da “ação exterior sobre a vida interior”; se reconheci mais tarde — e agora

o proclamo solenemente — que jamais necessitei como então de que meus “impulsos contraditórios” fossem encaminhados a uma finalidade uniforme, como seja a formação de uma personalidade coerente consigo mesma e capaz de realizar o máximo de suas possibilidades pelo domínio de suas forças disponíveis; se hoje agradeço, enfim, àqueles que procuraram diretamente guiar-me nessa difícil quadra da vida, é também evidente que essas forças informais das obras literárias, por mim mesmo postas em atividade, tiveram decisivo e importante papel na sufocação de más tendências e desenvolvimento de nobres impulsos, talhando-se uma personalidade cujas falhas acusam sempre os afastamentos esporádicos daquele roteiro superiormente traçado.

Louvem-se, pois, quantos me ajudaram nessa gigantesca tarefa, dentre as quais avulta minha saudosa mãe, quiçá precursora de meu pendor para as letras, aplicadora invariável que era de provérbios adequados a cada circunstância, nada desdenhando para alcançar a meta visada da educação dos três filhos varões. Exaltem-se os mestres queridos e competentes do tradicional Liceu do Ceará, um dos quais nos lia Camões e enaltecia Eça de Queirós, lente de Português que era, e seria — outro curioso capricho do Destino — antecessor meu na Cadeira da Academia Cearense de Letras a mim futuramente destinada. Bendiga-se a Organização a um tempo humana e divina que nos fornece os adequados meios a uma superior visão do mundo e da vida, não anulando as personalidades mas aparando-lhes as arestas; não escravizando seus adeptos mas libertando-os para o Bem — *Veritas liberabit vos*. A todos estes, individualidades e instituições, devo muito de minha formação intelectual e moral, e oportunidade não encontraria eu melhor que esta para manifestar-lhes eterna gratidão, quando sou alçado, por bondade vossa, senhores Acadêmicos, ao convívio de quantos compõem o mais alto sodalício de Belas Letras do Ceará. Mas é àqueles vultos que de mim se aproximaram apenas pela via dos livros lidos na mocidade e a meu próprio esforço por entendê-los e segui-los — perdoai a imodéstia, se assim vos parecer a verdade — que principalmente

devo o êxito conseguido na empreendida caminhada. Se com bagagem digna de maiores encômios não me apresento ante vossas altas personalidades, todas votadas às lides da inteligência criadora, não sejam responsabilizados aqueles, mas este que vos fala, certo de que razão sobrava ao velho Goethe, quando dizia que "a imaginação, com o vôo ousado, aspira a princípio à eternidade... Depois um pequeno espaço basta em breve para os destroços de nossas esperanças"...

Seguindo-se àquele primeiro namoro com as Belas Letras, de pura exaltação da Poesia, o gênio de Vieira viria imprimir, através de leitura habitual e meditada, novo rumo à minha vida mental. E, para não ficar à margem das preocupações da época, os problemas sócio-políticos, então levando a mocidade a oscilar da extrema direita à extrema esquerda, me foram apresentados sob prisma diferente, por via das obras de Jackson de Figueiredo e, mais tarde, de Farias Brito, Tristão de Atahyde, Jacques Maritain, Leon Bloy, Georges Bernanos, Daniel Rops, Paul Claudel, Charles Péguy... Verifico, assim, que se operou em mim uma longa viagem de volta, recaindo minha escolha, afinal, em poetas da mais fina estirpe, integrante daquela corrente literária que procurava conjugar a doce mensagem poética à não menos doce mensagem cristã. Redescobri, destarte, a obra de José Albano, agora que me achava forrado de alguma experiência literária. E o deslumbramento foi grande! Dera-se o inverso do que não raro acontece com os livros que lemos nos primeiros dias da mocidade: em vez de me achar frio e indiferente, sem nenhuma consonância com os antigos ecos que em mim repercutiram, ou, até, de me revoltar, violenta e intransigentemente, contra as velhas teses antigamente abraçadas, maravilhei-me com a tessitura admirável daquela harmonia de sons e de idéias, que emanava das publicações do grande vate cearense.

Nasceu José de Abreu Albano nesta nossa outrora bela e limpa Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, a 12 de abril de 1882. A pequenina mas encantadora capital ainda não ostentava a pujança destes edifícios de cimento e ferro que arranham os céus azuis e límpidos que nos cobrem. As bem

traçadas ruas não haviam recebido adequada pavimentação, marco inicial de sua arrancada progressista. Só mesmo, nas ruas mais centrais, a dessas pedras toscas e irregulares que o espírito irreverente de nosso povo apelidou de “cearálepípedo”.

“A população urbana — disse-o eu alhures — concentrava-se entre o riacho Pajeú — o Marajaig de outrora e à cuja margem se edificaram as casas da Rua Conde d’Eu, já qualificada a *rua mater de Fortaleza*; o Passeio Público, ou melhor, o Largo do Paiol, como se chamava então; a Rua Senador Pompeu e a Pedro I, que o arrivismo republicano tentou em vão crismar de S. Pedro, Tiradentes e Nº 3, como já fora, em tempos idos, a singela e pinturesca Travessa da Alegria.

Sua vida mental circunscrevia-se às letras secundárias bebidas no Liceu, instalado em 19 de outubro de 1845, e no Ateneu, surgido em 1863, enquanto as idéias se haviam agitado na curiosa “Academia Francesa” do Ceará, aí pelos idos de 1872 a 1875, e repercutiam na ebulição do ideal emancipacionista, de que foi glorioso epílogo a libertação geral dos escravos no Ceará, ano de 1884, dia 25 de março.

Foi em ambiente assim que veio ao mundo José Albano, membro de afidalgada família, sendo seus pais o negociante José Albano Filho e D. Maria de Abreu Albano e avós paternos o Barão e a Baronesa de Aratanha.

Tendo apenas dois anos de idade quando se deu o retumbante sucesso da Libertação, compreendemos que este não haja marcado o espírito de José Albano, como a tantos daquela fase de nossas lutas sociais. Assim é que os “sérios e ousados acontecimentos históricos” não repercutiram em sua formação, como evidentemente nenhuma ressonância deles encontramos em sua obra. Por outro lado, é de 1894 a fundação do Clube Literário, e já nesse tempo a família o internara no vetusto Seminário da Prainha (1892) e o mandara estudar na Europa (1893), longe dos acontecimentos sociais e políticos que aqui se desenrolavam. Aos cuidados dos Padres Jesuítas, em Blackburn, na Inglaterra (1893) ou aluno do Colégio Stella Matutina, de Feldkirch, na Áustria (1894), ou discí-

pulo dos Irmãos da Doutrina Cristã, em Dreux, na França (1897), ei-lo sempre distante, no espaço e nas lucubrações intelectuais, das mesquinhas lutas do Estado natal ou da recém-fundada República federativa. “Esses fatos — doutrina Braga Montenegro no talvez mais bem feito estudo sobre José Albano, até hoje tentado — foram simplesmente contemporâneos do poeta, pois que de nenhum deles — nem os de ordem intelectual, nem os de ordem política — tivera participação.”

Somente depois, a partir de 1898, regressando o poeta da Europa e entrando em contato com seus contemporâneos destas bandas, através dos “preparatórios” tirados no Liceu, somente então será possível falar nessa troca de impressões, numa série de reações entre o indivíduo e o meio, aquele requintado pelos hábitos aristocráticos do Velho Mundo e este semibárbaro e inculto, a despeito da evidente força intelectual de seus habitantes, já provada sobejamente desde as primeiras vitórias de José de Alencar, na capital do Império.

No plano puramente estético, declinava o naturalismo e o parnasianismo, filhos das mesmas idéias realistas do Século XIX, mas irmãos bem diversificados no trato com a alma humana... Para compreensão mais nítida do espírito daquele tempo, seria mister dizer que, nem só “estúpido”, como o classificou Leon Daudet, nem apenas “luminoso”, como costumam chamar-lhe seus defensores, o Século XIX foi a fase histórica em que a Humanidade se adorou a si própria, ressaltando seus direitos e olvidando seus deveres... Fase eminentemente anti-racionalista, em oposição ao extremado racionalismo da centúria anterior, suas correntes literárias haviam de ostentar a marca mesma desse espírito: o romantismo, nos seus primórdios, o realismo, no seu apogeu, e o simbolismo, no seu declinar.

Sabido que as idéias do Velho Mundo aqui chegavam com alguns anos de atraso, seriam prosadores assim, dominados por insopitável desejo de ressaltar apenas o lado cruel da alma humana, adeptos que eram do naturalismo literário, ou então poetas obsedados pela dúvida, os autores provavelmente indicados a moldar a personalidade de José Albano, por todos

reconhecida como peregrina das fronteiras da normalidade. Tal, porém, não ocorreu. Emílio Zola, Eça de Queirós e Aluísio Azevedo, na prosa naturalista, e Vitor Hugo, Antero de Quental e Olavo Bilac, na poesia parnasiana, responsáveis pela atitude estética de várias gerações, não lhe atingiram a alma, a despeito da grande ascendência por eles exercida em quase todos os seus contemporâneos. Dos parnasianos, por exemplo, nos dá notícia Paulo Setúbal, descrevendo a influência de Antero de Quental sobre os moços paulistas dos fins do século passado e primórdios da presente centúria, quando cantava, não “a covinha do rosto da namorada”, dos ultrapassados poetas românticos, mas a Idéia! E quando proclamava “a ilusão e o vazio universais”! E quando pregava o Nada, concluindo so-  
turnamente:

*Talvez seja pecado procurar-te,  
Mas não sonhar contigo e adorar-te,  
Não ser, que és o ser único, absoluto.*

“Desatento e desinteressado dos sucessos do tempo, de índole e de formação (...) arcaísta”, José Albano “era um intemporal e um cosmopolita e, pelo fato de lhe terem dado uma educação européia, alheara-se por completo do caráter nacional: conservou-se, por isso, um estrangeiro em sua pátria; mais estrangeiro ainda na sua província, onde mais lhe aumentava a nostalgia e a inquietação de sonhador insano” na percuciente observação de Braga Montenegro. Esse requinte de sua família, aliás, encaminhando-o à Europa, haveria de influir, também, em muitos outros de seus membros, homens cultos, educados, bons, mas, excluído talvez somente Ildefonso Albano, desatentos aos problemas e características regionais, de tal modo que a boa influência a ser exercida no meio ambiente diminuiria de muito, para desaparecer no decurso de poucas décadas. Sonhando sempre em rever o Velho Mundo, eis que o visita, ainda, duas vezes, no período compreendido entre 1908 e 1913 e, anos depois, para falecer em Montauban (Haute Garonne, França), em cujo cemitério repousa, sem iden-

ficação nem honrarias, o maior poeta cearense, dos maiores do Brasil e da

*Língua minha dulcíssima e canora,  
Em que mel com aroma se mistura;  
Agora leda, lastimosa agora  
Mas não isenta nunca de brandura;  
Língua em que o afeto santo influi e ensina  
E derrama e prepara  
A música mais rara — e mais divina.*

Desambientado, como é evidente, do meio provinciano, cujos intelectuais, no entanto, já ensaiavam vãos mais altos no domínio das letras e ciências, foge José Albano para a capital federal, em 1902, com o objetivo de fazer o curso de leis. Dois anos depois, de regresso à Província, é nomeado professor de Latim do Liceu, ideal pouco satisfatório a quem fora educado para exercer papéis mais eminentes... Volta, pouco depois, em 1905, ao Rio de Janeiro, para trabalhar no Gabinete do Barão do Rio Branco, então Ministro das Relações Exteriores. Foi nesse tempo, ou talvez na futura estada na capital federal, por volta de 1917, que Manuel Bandeira o conheceu, estarrecendo-se então com a audácia de quem, à porta da Livraria Garnier, retrucou “sem cerimônia” a João Ribeiro: “Não digas asneiras, João Ribeiro! Não digas asneiras!”

Regressando à Europa, para trabalhar no Consulado Brasileiro em Londres, abandona o emprego em 1912, quando inicia longa peregrinação por Portugal, Espanha, França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Hungria, Suíça, România, Grécia, Turquia, Palestina e Egito e — mais que tudo isto — publica, em Barcelona, as *Rimas*, compreendendo as “Redondilhas”, “Alegoria”, “Canção a Camões” e “Ode à Língua Portuguesa”. Foi a primeira revelação pública do gênio oculto, tão evidente que não cabia nos limites de uma corrente literária prestigiada por quantos cultuavam as letras no país, “inteiramente fora dos quadros da poesia no Brasil”, como o proclamou, anos depois,

Manuel Bandeira. Integram estas *Rimas* aqueles líricos e adorráveis versos, intitulados “Esparsa I”:

*Há no meu peito uma porta  
A bater continuamente;  
Dentro a esperança jaz morta  
E o coração jaz doente.*

*Em toda parte onde eu ando,  
Ouço este ruído infindo:  
São as tristezas entrando  
E as alegrias saindo.*

E integram-nas, também, as estrofes da inexcelsível *Ode à Língua Portuguesa*. Como lá se encontram, igualmente, os decassílabos de sua famosa *Alegoria*, a um tempo líricos e épicos versos que mereceram de Agripino Grieco, tão sóbrio em elogios, a classificação do “último canto dos *Lusíadas*”, de que vai aqui pálida amostra:

*Ó Musa de Camões, tu que venceste  
O difícil caminho árduo e penoso,  
De novo o teu poder se manifeste,  
Pois sem auxílio a voz erguer não ousou;  
Dá-me a imortal inspiração celeste  
E o verso mais sublime e sonoro,  
Para que este meu canto se acrescente  
Ao dessa tua cítara eminente.*

Vingando-se — quem sabe? — de passados atrevimentos, João Ribeiro consideraria, depois, esses versos um *pastiche* dos *Lusíadas*. Mas, se não seria possível negar a influência de Camões sobre José Albano, é claro e evidente que este foi um “consciente e voluntário imitador” do grande épico lusitano, nunca porém um desonesto arremedador, no “sentido em que lhe denuncia o crítico”. Acresce que, a um estilo onde “o hipérbato e a anástrofe, mesmo a sinérese, são encontrados a

cada passo”, José Albano “não se utilizando da ordem inversa na sintaxe senão quando a métrica e a rima o exigiam”, como o observou, com muito acerto, Braga Montenegro, longe está sem dúvida, de merecer a contundente crítica de João Ribeiro. Mesmo porque em Camões o que notamos evidentemente é a genialidade criadora, enquanto José Albano, quiçá o melhor assimilador do vate lusitano no Brasil, fazendo-o “com profundidade clássica e vocação lírica”, tem como marca dominante o seu talento assimilador. “E é assim que vemos de um lado o homem da Renascença (. . .) e, do outro, um temperamento em fuga, desapontado com as imperfeições de sua época, dilacerado pelo dilema de viver a sua contingência cotidiana ou de se transportar ao passado heróico, como um verdadeiro arcaísta que foi e mais se fez pelo imenso cabedal lingüístico que acumulou”, na acertada observação de Braga Montenegro.

Mas não se pense, apressadamente, que esse talento assimilador fosse incapaz da mais aguda e perfeita criação. Pelo contrário. Dá-nos notícia dessa indiscutível capacidade improvisadora de José Albano o poeta Carlos Teixeira Mendes, nosso popular Teixeirainha, relatando-nos o episódio a seguir resumido. Sentados ambos em volta de uma das mesas do Café Riche, aí por volta dos últimos anos da segunda década do século, eis que alguém transita na rua em frente, transportando uma daquelas tabuletas de propaganda de fitas cinematográficas, tão conhecidas das gerações passadas. O título do filme dizia respeito a algo paradoxal, assim como a felicidade de não ser amado, ou coisa semelhante. Desafiado por Teixeirainha a improvisar um soneto sobre o difícil tema, José Albano, ali mesmo, na pedra-mármore da banquetta, rabiscou a lápis o seu conhecido e apreciado

*Ditoso quem foi sempre desamado  
Nem nunca na alma viu pintar-se o gozo,  
Que lhe promete estado venturoso  
Para depois deixá-lo em triste estado.*

*Já me de todo agora persuado  
De que não pode haver brando repouso,  
E do afeto mais doce e deleitoso  
Se gera às vezes o maior cuidado.*

*Não quero boa sorte nem sonhá-la,  
Pois logo passa, apenas se revela,  
Com uma dor que outra nenhuma iguala.*

*Mas quem desconheceu benigna estrela,  
Se não teve a alegria de alcançá-la,  
Nunca teve o desgosto de perdê-la.*

Era assim o vate cearense. Incapaz de versejar em consonância com os cânones das correntes literárias em voga, proclamava ufano:

*Já quis tentar formas novas,  
Foi mais ou menos em vão:  
Hoje nestas velhas trovas  
Falará meu coração.*

Porém, fiel à sua lídima vocação de poeta lírico, embora travestido de arcaísta, deu-nos magnífica amostra de como é eterna a mensagem poética e de quanto é bela a desconhecida língua em que versejou principalmente, conquanto “túmulo do pensamento”, como já lhe chamaram.

Voltando, em 1914, à pátria distante, publica José Albano a sua *Comédia Angélica*, bem como os *4 Sonnets with portuguese prose-translation* e a *Antologia Poética*, assim encerrando o ciclo de sua evolução artística. Antônio Sales, em prefácio escrito para as *Rimas* e não utilizado, mas conhecido após a sua morte, distingue em José Albano três fases de inspiração, “a primeira de lirismo passional, a segunda de erudição clássica e a terceira de êxtase místico”.

É principalmente na *Comédia Angélica* que se observa um gradativo desprendimento da influência camoniana. Tra-

ta-se de uma espécie de drama sacro medieval, onde se vê de tudo, como nas obras de Calderon de La Barca, de Gil Vicente e outros. Até mesmo uma aguda observação de ordem psicológica, ressaltando a diversificação e, ao mesmo tempo, o assemelhamento entre os dois sexos, quando o poeta doutrina, pela voz do Arcanjo Gabriel:

*E, sendo semelhante e diferente,  
As mesmas coisas doutro modo sente.*

Drama concomitantemente intemporal e histórico, passando-se em Lourdes, na França, mas remontando à época da criação do mundo, teve razão Américo Facó na agudíssima observação que gizou, quando disse que o tema, adjudicado ao próprio mistério divino, não se poderia subordinar a uma rigorosa cronologia histórica. À semelhança de seu autor, que não cabe nos limitados espaços de uma corrente literária, grande que foi na arte realizada, e intemporal que é na mensagem a nós perenemente dirigida.

Pouco importa, pois, que, em sua derradeira viagem à Europa, se tenha por lá ficado o corpo de José Albano. É claro que gostaria sua aristocrática família de guardar, carinhosamente, os restos do seu mais ilustre parente. E gostaríamos nós, também, conterrâneos do grande vate, de incorporar ao nosso patrimônio os preciosos despojos de quem tanto exaltou, mesmo sem ser um regionalista, a terra do berço. Mas o pobre e atribulado instrumento, de que se serviu a Suprema Inteligência para fazer luzir no mundo um de seus mais luminosos reflexos, de todo se anulou em Montauban, na doce França, a 11 de julho de 1923, seguindo assim a inexorável lei do aniquilamento da matéria. Seu espírito, esse, guardamos intacto e perfeito, através de inspirada poesia, tal como o recebeu, orgulhosamente, Aquele que o soprou, um dia, ao capricho de sua Graça, para eterna memória de seu ilimitado Poder... Foi, então, desmentido, e somente nesta lúgubre profecia, o atormentado poeta. Descansou. Alegrou-se. En-

trou na pacífica e completa posse da Perene Felicidade aquele que assim versejava:

*Tudo o que sinto e padeço  
Posso descrever assim:  
O prazer não tem começo  
E as tristezas não têm fim.*

Ele pressentia, conclui-se, essas futuras alegrias, quando, afastado um pouco o roxo véu de sua amargurada tristeza, anotava a presença, em sua vida, da Segunda Virtude Teologal:

*Destarte já não maldigo  
O bem que se não alcança,  
Pois tenho ainda comigo  
Sonho, Desejo e Esperança.*

Mas recaía, invariavelmente, no pessimismo mais desolador, artisticamente recolhido naqueles primorosos versos da *Esparsa I*, de princípio citados. Às vezes, não raro, conformava-se e até deleitava-se com essa infelicidade irritante, de que é exemplo este perfeitíssimo soneto:

*Não quero mais viver sem sofrimento,  
Mas a chorar me entrego e me decido  
E em toda parte seja conhecido  
Quanto na alma me dói o mal cruento.*

*Se é grande a mágoa, se o martírio é lento,  
Se é longo e doloroso o meu gemido,  
De todo transformado e convertido,  
Só das mais duras penas me contento.*

*Aqui, Senhor, ao pé do lenho santo,  
Ordena que a tristeza escura cresça,  
Manda que aumente o saudoso pranto;*

*Que, embora a dor me seja estranha e avessa,  
Se no Calvário padecias tanto,  
Há mais razão para que eu mais padeça.*

Isto, porém, foi naquela fase final de sua vida, de exaltação mística, a que se referiu Antônio Sales, quando a religião, qual bálsamo miraculoso, lhe curou as feridas da alma com sua consoladora doutrina. Essa atitude de entrega está maravilhosamente condensada em um dos seus dez selecionados sonetos:

*Mata-me, puro Amor, mas docemente,  
Para que eu sinta as dores que sentiste  
Naquele dia tormentoso e triste  
De suplício implacável e inclemente.*

*Faze que a dura pena me atormente  
E de todo me vença e me conquiste,  
Que o peito saudoso não resiste  
E o coração cansado já consente.*

*E como te amei sempre e sempre te amo,  
Deixa-me agora padecer contigo  
E depois alcançar o eterno ramo.*

*E abrindo as asas para o etéreo abrigo,  
Divino Amor, escuta que eu te chamo,  
Divino Amor, espera que eu te siga.*

Para que dizer mais, se inutilmente perseguiríamos o poliédrico espírito de José Albano, concomitantemente atual e eterno? Limitemo-nos, pois, a ornar o seu humilde e desconhecido túmulo, em perda aldeia francesa, com o pranto de nossa saudade e o sufrágio de nossa fé na eterna mensagem de amor cantada por sua infeliz e inspirada lira. Seria nossa

última homenagem à sua gratíssima memória. Mesmo porque é tempo de findar esta desalinhavada louvação.

Não o fazamos, porém, antes de agradecer, senhores Acadêmicos, a nímia gentileza que tivestes, em chamando-me à vossa Companhia, tão boa e amiga, edificante e útil. Aqui chego, um pouco nevado pelas lutas da vida, espelho fiel desta atormentada geração que adoleceu entre uma guerra mundial e outro cataclisma de proporções universais, e agora amadurece, nostálgicamente, já pensando nos filhos quiçá destinados a enfrentar uma terceira hecatombe, decerto mais terrível do que as duas anteriores. Venho de mãos quase vazias, pois o pouco que me foi dado recolher fi-lo entre o ribombar de obuzes e o troar de canhões, preocupado embora em anunciar, como o proclamei no Primeiro Congresso Cearense de Poesia, realizado nos tormentosos dias de 1942, a inabalável crença na mensagem poética, ao lado de companheiros de ideal, os saudosos Joaquim Alves e Mário Sobreira de Andrade e os bons amigos de uma corrente de vanguarda literária, integrada por Braga Montenegro, Fran Martins, Moreira Campos, Artur Eduardo Benavides, Antônio Girão Barroso, Aluísio Medeiros, Eduardo Campos, Otacílio Colares, Stênio Lopes e João Clímaco Bezerra, este propositadamente o último da lista mas não o menor nos méritos, antes, um dos luminares do Grupo Clã, que agora, por via de velha e sempre renovada amizade, vos disse de mim aquilo que sua excessiva generosidade lhe ditou.

Venho, insisto, de mãos quase vazias. O coração, porém, está pleno daquele néctar divino da sempre nova mensagem poética, da crença na imortalidade do espírito, da importância do fenômeno literário, da necessidade de sermos corajosamente sérios neste mundo cada vez mais acovardado e libertino, da convicção, enfim, de que, como disse a grande escritora Gerturd Von Le Fort, “perdemos antecipadamente aquilo que conquistamos pela violência ou pela astúcia” — libelo acusatório de uma civilização “decorativamente cristã” mas de todo entregue à filosofia do êxito a qualquer preço, esma-

guem-se embora direitos e suscetibilidades, delicadezas e gratidões.

É esta, sem dúvida, a melhor maneira de agradecer-vos e, ao mesmo tempo, a maior homenagem que posso prestar à vossa inteligência, à vossa cultura e à vossa resistência àquelas atitudes negativas de um mundo que deseja desesperadamente salvar-se mas renega os únicos valores morais e intelectuais capazes de o ajudarem nessa grande e primordial empresa.